



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS - CCH
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DA REABILITAÇÃO DO INSTITUTO
BENJAMIN CONSTANT NA VIDA DO ADULTO COM DEFICIÊNCIA
VISUAL**

SIMONNE FOREIS

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tania Mara Tavares da Silva

Rio de Janeiro - 2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS - CCH
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DA REABILITAÇÃO DO INSTITUTO
BENJAMIN CONSTANT NA VIDA DO ADULTO COM DEFICIÊNCIA
VISUAL**

SIMONNE FOREIS

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tania Mara Tavares da Silva

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito essencial para obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Rio de Janeiro - 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

**A IMPORTÂNCIA DA REABILITAÇÃO DO INSTITUTO
BENJAMIN CONSTANT NA VIDA DO ADULTO COM DEFICIÊNCIA
VISUAL**

SIMONNE FOREIS

Graduação em Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
como requisito essencial para obtenção do Grau de
Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Tania Mara Tavares da Silva

Prof.^o Dr.^o Marcio da Costa Berbat

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha mãe Fatima, minha irmã Vivien e minha sobrinha Caroline que sempre apostaram em meu potencial, por tantos anos de amparo, resignação, solicitude, providência, carinho e amor oferecidos a mim em toda minha existência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Tania Mara Tavares da Silva, que auxiliou o despertar do meu senso crítico. Seus ensinamentos durante meu percurso na graduação foi de grande valia para minha formação acadêmica e profissional. Fui sua aluna, monitora e orientanda, e só posso ressaltar a grande educadora que você é, muito ética e responsável. Jamais esquecerei sua mão estendida no momento que eu mais precisei. Os momentos que vivenciamos ficarão na memória e no coração.

Ao professor Marcio da Costa Berbat, pela troca de conhecimento em todas as disciplinas e pelo apoio no processo seletivo de estágio no Instituto Benjamin Constant, que desencadeou todo o processo de pesquisa desse trabalho.

À diretora do curso Sandra Albernaz de Medeiros e a todo corpo docente que fez parte integrante e participativa da minha formação na graduação.

À minha mãe e irmã que não mediram esforços para que eu chegasse até aqui, com muito carinho, apoio e paciência, me dando segurança e a certeza de que eu não estava sozinha nessa caminhada.

À minha sobrinha, pois foi a primeira a acreditar no meu potencial fazendo minha inscrição no ENEM o que culminou na minha entrada na Universidade e hoje à conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Aos Reabilitandos do Instituto Benjamin Constant, que me acolheram com muito carinho e respeito, despertando em mim uma nova visão de mundo. Todo o tempo que passei ao lado deles foi muito importante para minha formação pessoal, profissional e acadêmica.

Aos profissionais do Instituto Benjamim Constant, do Setor de Reabilitação, pelo seu comprometimento na reabilitação de pessoas com deficiência visual. Em especial agradeço a minha supervisora de estágio Rosane de Menezes Pereira por todo aprendizado e oportunidade que me proporcionou, ampliando meu conhecimento profissional, e os professores Vanessa Rocha Zardini Nakajima e Thiago Sardenberg que me auxiliaram e contribuíram em vários momentos da minha pesquisa, com trocas de experiências, bibliografias e com a participação efetiva em várias atividades.

Aos colegas da graduação, pela troca de experiências, pelos trabalhos em grupo, pelas brincadeiras que descontraíam nossas noites, pois sabemos da dificuldade que os alunos do noturno passam, muito cansaço e sono, mas a perseverança de chegar ao final do curso nos impulsiona. Desejo muita sorte a cada um, pois a caminhada só está começando, e em especial a Aline Flores, Ana Beatriz Casagrande, Bruna Gurgel, Daniela Xavier, Erika Mendes, Fhellipe Rodrigues e Luiz Otávio Leite que estiveram ao meu lado e ouviram minhas colocações a respeito desse trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo ressaltar a importância da reabilitação na vida da pessoa adulta com deficiência visual (baixa visão ou cego). Faremos uma breve passagem sobre o conceito de deficiência visual, algumas regras de convivência e legislações pertinentes que amparam as pessoas com deficiência visual. Em seguida apresentaremos como se constitui o processo de reabilitação no Instituto Benjamin Constant, na Divisão de Reabilitação, Preparação para o Trabalho e Encaminhamento Profissional - DRT, perpassando pela matrícula, pontuando as especificidades de cada atendimento, a formação dos profissionais atuantes, embasados pela contribuição teórica, fazendo uma reflexão da prática, primando para contribuir a autonomia e independência da pessoa com deficiência visual, bem como, sua reinserção na sociedade e no mercado profissional.

Palavras-chave: Pessoa com Deficiência Visual; Reabilitação; Autonomia; Reinserção Social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 - A DEFICIÊNCIA VISUAL	10
1.1 Regras de Convivência com as Pessoas com Deficiência Visual	11
1.2 Legislações que amparam as pessoas com deficiência visual	12
2 - A REABILITAÇÃO: UMA SOBREVISTA SOBRE O TEMA	15
3- O INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT E O ATENDIMENTO AOS REABILITANDOS	17
3. 1 - O Processo de Matrícula.....	18
3.2 - Os atendimentos da Reabilitação.....	19
3.3 – Quem Atende o Reabilitando: A Formação e Área de Atendimento dos Profissionais.....	26
4 - MINHA EXPERIÊNCIA COM REABILITANDOS	28
5 - O QUE NOS ENSINAM AS TEORIAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O TRABALHO COM O REABILITANDO	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

INTRODUÇÃO

Há algum tempo tenho contato com um mundo diferente, o daqueles que por um motivo ou outro perderam total ou parcialmente a visão. Como vivemos num mundo da imagem, em que quase todas as informações são visuais, quando se tem o canal da visão restrito, é necessário que se reconstrua o direito de ir e vir, de liberdade, de segurança, não deixando que essa ausência o prenda num mundo obscuro e sem possibilidades.

A perda visual como qualquer outra perda, se apresenta como um vagão que descarrilou e saiu do trilho; desestrutura, abala os sentidos, a comunicação, a locomoção e decresce a facilidade na escrita e na fala. Este texto tem por objetivo descrever a experiência que realizamos de tentar adaptar estes indivíduos a um novo contexto. Não é possível saber, como descreve Saramago, se a cegueira é branca ou se tem outras cores. Mas com certeza readaptar-se como tenho vivenciado não é algo fácil.

Ao primeiro impacto se desenvolve um quadro depressivo, que exigirá do indivíduo, uma forte e sólida estrutura emocional para enfrentar a realidade implacável, mas que ocorre de forma diferenciada e proporcionalmente valorativa, ao conteúdo emocional e meio social no qual se encontra.

Para alguns, é uma experiência aterradora, para outros um desafio a vencer. Ao que parece cada indivíduo faz uma retrospectiva de vida, revisão de valores, descobertas de habilidades, resgate de conhecimentos e potenciais até então adormecidos.

A reabilitação é necessária para auxiliar as pessoas com deficiência visual, levando em consideração que as mesmas sofrem grandes lesões e através deste processo busca-se a aceitação pessoal, compensando os danos ocasionados e desenvolvendo de forma alternativa, meios e habilidades para superar a problemática sofrida.

O tema da monografia é a reabilitação de pessoas com deficiência visual e como recorte, investigaremos a problemática da importância da reabilitação da pessoa com deficiência visual na idade adulta, no Instituto Benjamin Constant, por se tratar de um centro de referência. Meu objetivo é descrever como as atividades desenvolvidas neste centro podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência visual, amenizando a perda, tornando possível viver

socialmente e respeitando sua singularidade. Ou seja, como se dá a aprendizagem e como os métodos utilizados nas disciplinas oferecidas, e a formação dos profissionais contribui para a reinserção social, independência e autonomia das pessoas com deficiência visual.

Trata-se de um texto cuja base é minha própria experiência de trabalho com os reabilitados do Instituto Benjamin Constant. Nesse trabalho vamos apresentar a importância da reabilitação para a pessoa com deficiência, o Instituto Benjamin Constant e os atendimentos direcionados para esse público, o processo de matrícula no setor de reabilitação, as atividades pertinentes para o processo de reabilitação, a formação e área de atendimento dos profissionais que atuam no setor, minha experiência junto aos reabilitados, as teorias que auxiliaram essa pesquisa, o conceito de deficiência visual, regras de convivência com as pessoas com deficiência visual e as legislações vigentes que as amparam.

Inicialmente iremos descrever ainda que sucintamente o que caracteriza a Deficiência Visual até para demonstrar a diferença no que se refere aos reabilitados. Posteriormente um breve levantamento das legislações que amparam a pessoa com deficiência visual. E em seguida apresentaremos como se dá o processo de reabilitação do Instituto Benjamin Constant, passando pela matrícula, as atividades e seus objetivos, assim como a formação dos profissionais. Para contribuir com nosso trabalho, uma relação da teoria com a prática, finalizando com as considerações finais a cerca do aprendizado.

Optamos por inserir o capítulo teórico como final dado que acreditamos que a teoria só começou a fazer mais sentido no momento em que optamos por este trabalho. Ou seja, fomos pinçando dos autores ideias e fundamentos que realmente fizesse sentido ao longo do trabalho. Portanto, esta monografia expressa um percurso singular e menos acadêmico na medida em que se caracteriza mais como a narrativa de um processo no qual a aprendizagem foi se dando na articulação teoria; prática e teoria. Por fim, gostaríamos de ressaltar que ainda há muito por aprender neste campo específico e espero poder ter contribuído para que muitos possam enfrentar esta difícil, mas maravilhosa empreitada para um educador.

CAPÍTULO 1 - A DEFICIÊNCIA VISUAL

A deficiência visual é definida como a perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da visão. O nível de acuidade visual pode variar, determinando dois grupos de deficiência:

Cegueira – há perda total da visão ou pouquíssima capacidade de enxergar, o que leva a pessoa a necessitar do Sistema Braille como meio de leitura e escrita;

Baixa visão ou visão subnormal – caracteriza-se pelo comprometimento do funcionamento visual dos olhos, mesmo após tratamento ou correção. As pessoas com baixa visão podem ler textos ampliados ou com uso recursos óticos especiais para longe¹ ou para perto², além de recursos não óticos³ e recursos eletrônicos⁴.

As principais causas da deficiência visual na idade adulta são: a catarata, o glaucoma, a degeneração macular relacionada à idade e a retinopatia diabética.

No adulto, a deficiência visual interage com outras restrições funcionais como a diminuição da mobilidade, a audição e as funções cognitivas, por esse motivo há necessidade de um atendimento especializado da educação com a saúde, para garantir a autonomia e a inclusão social do sujeito, de acordo com suas possibilidades e interesses.

¹ Para longe: Sistemas telescópios (teletupas), que podem ser monoculares (em um olho ou binoculares (nos dois olhos));

² Para perto: Lupas manuais, lupas de apoio e lentes em óculos. Óculos de lentes filtrantes (escurecidas) para casos de fotofobia. Quanto maior o aumento lente, menor o campo visual e percepção de distância pode ficar alterada.

³ Os recursos não óticos são conseguidos através de pequenas modificações das condições ambientais onde a pessoa se encontra, por meio de adaptações simples e específicas para cada pessoa, auxiliando o desempenho visual, tais como: Iluminação, guia de leitura, caderno com pauta ampliada e reforçada, lápis 3B ou 6B, caneta hidrográfica, livros didáticos ampliados, apoio para leitura, chapéus ou bonés;

⁴ Esses recursos aumentam o tamanho e contraste de objetos e letras: CCTVs - sistema circuito fechado de televisão, computadores, calculadoras.

Pessoa com Deficiência (PCD)

Para que se construa uma sociedade inclusiva, precisamos ter cuidado com a utilização da linguagem a que referimos uma pessoa com deficiência. A partir da linguagem se expressa, voluntariamente ou involuntariamente, o respeito ou a discriminação em relação às pessoas com deficiências.

Ao longo dos anos, os termos que definem a deficiência foram adequando-se à evolução da ciência e da sociedade. Atualmente, o termo correto a ser utilizado é: **Pessoa com Deficiência**, que faz parte do texto aprovado pela Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovado pela Assembleia Geral da ONU, em 2006 e ratificada no Brasil em julho de 2008⁵.

1.1 Regras de Convivência com as Pessoas com Deficiência Visual

Deve-se agir com naturalidade no convívio com as pessoas com deficiência visual, pois elas atuam na sociedade como qualquer pessoa, estudando, trabalhando, participando de eventos, frequentando qualquer ambiente social, só necessitando em algumas situações, de um direcionamento para que não sofra nenhum acidente em obstáculos que estejam no meio do caminho sem sinalização.

Antes de ajudar qualquer pessoa com deficiência visual, pergunte se ela necessita de ajuda e ao se afastar da mesma, avise-a ou despeça-se, para que ela não fique falando sozinha, porque é muito constrangedor.

Ao aproximar-se de uma pessoa com deficiência visual, identifique-se sempre, e nunca faça brincadeiras do tipo: “advinha quem é?”. Para andar com ela, deixe que ela segure no seu braço, ou coloque a mão no seu ombro, pois o movimento do seu corpo irá direcioná-la e ao atravessar uma rua, atravesse-a em linha reta, para não perder a orientação.

Não evite palavras como “ver” e “cego”, pode-se usar sem receio e sempre que conversar com uma pessoa com deficiência visual, fale diretamente

⁵ Foi um Decreto Legislativo nº 186 de 09 de julho de 2008. Após, em 25 de agosto de 2009, foi decretado pelo Presidente da República o Decreto Presidencial nº 6.949, que diz respeito à Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu protocolo facultativo assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Acesso em www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm.

para ela, nunca por intermédio de alguém que esteja perto, pois ela só tem deficiência visual e pode ouvir muito bem e responder por si.

Num lugar desconhecido, diga-lhe discretamente onde as coisas estão distribuídas no ambiente para que ela possa se locomover com segurança, sempre direcionando utilizando, esquerda e direita, frente e atrás. Nunca deixe portas entreabertas, ou totalmente abertas, ou completamente fechadas.

Ao ajudá-la a sentar-se, direcione sua mão no encosto ou braço da cadeira, assim ela será capaz de sentar-se facilmente. Quando observar algum aspecto inadequado na sua aparência e vestuário, avise-a diretamente, de forma discreta, para que ela possa se ajeitar.

1.2 Legislações que amparam as pessoas com deficiência visual

Lei Federal nº 7.853/89

A Lei Federal n. 7.853, de 24 de outubro de 1989 é a mais importante das legislações que tratam os direitos das pessoas com deficiência. Esta lei foi regulamentada pelo Decreto 3298, de 20/12/1999. Nessas legislações encontramos a seguinte classificação da deficiência visual:

Deficiência Visual – Caracterizada por uma limitação no campo visual. Pode variar de cegueira total à visão subnormal. Neste caso, ocorre diminuição na percepção de cores e mais dificuldades de adaptação à luz.

Reabilitação - Assegura-se, conforme o art. 2º parágrafo único, alíneas “c” e “e” da Lei Federal n. 7853/89; artigos 17, 18, 21 e 22 do Decreto Federal 3298/99 e artigo 89 da Lei Federal n. 8213 de 8 de dezembro de 1991, o Poder Público está obrigado a fornecer uma rede de serviços especializados em habilitação e reabilitação, bem como garantir o acesso nos estabelecimentos de saúde público e privado.

Lei de Acessibilidade

O Brasil possui legislação específica sobre acessibilidade. É o Decreto lei nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004, também conhecido como Lei de Acessibilidade. O documento estipula prazos e regulamenta o atendimento às necessidades específicas de pessoas com deficiência no que concerne a projetos de natureza arquitetônica e urbanística, de comunicação e informação, de transporte coletivo, bem como a execução de qualquer tipo de obra com destinação pública ou coletiva.

Lei de Cotas

A Lei nº 8.213/91, que regulamenta cotas para deficientes e pessoas com deficiência, dispõe sobre os planos de benefícios da Previdência e dá outras providências à contratação dessas pessoas:

Art. 93 - a empresa com 100 ou mais funcionários está obrigada a preencher de dois a cinco por cento (2% a 5%) dos seus cargos com beneficiários reabilitados, ou pessoas portadoras de deficiência, na seguinte proporção:

- até 200 funcionários..... 2%
- de 201 a 500 funcionários..... 3%
- de 501 a 1.000 funcionários..... 4%
- de 1.001 em diante funcionários... 5%

Normas Técnicas - ABNT, na NBR 9050

Há normas que norteiam a implementação das mudanças ambientais, de forma a eliminar as barreiras arquitetônicas.

As normas são estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, segundo a NBR 9050, de setembro de 1994.

Lei de Isenção de IPI, IOF, ICMS e IPVA para Deficientes

As pessoas com deficiência física, visual, mental severa ou profunda, ou autistas, ainda que menores de dezoito anos, poderão adquirir, diretamente ou por intermédio de seu representante legal, com isenção do IPI, automóvel de passageiros ou veículo de uso misto, de fabricação nacional, classificado na posição 87.03 da Tabela de Incidência do Imposto sobre Produtos Industrializados (Tipi).

Lei do Cão-guia

A Lei nº 11.126, de 27 de junho de 2005, regulamenta o direito de a pessoa com deficiência visual usuária de cão-guia ingressar e permanecer com o animal em todos os locais públicos ou privados de uso coletivo.

Os reabilitandos, conforme veremos no próximo capítulo terão contato com estas e outras informações que se fazem necessárias em um momento no qual eles se tornam participantes de um mundo que lhes era desconhecido, pois tornar-se uma pessoa com deficiência visual é muito diferente de sempre ter convivido com a esta deficiência. Trata-se de redesenhar o mundo sob outros parâmetros de forma a que ele possa “nascer novamente”. Não é tarefa fácil e exige de nós, educadores, um empenho maior do que quando trabalhamos com as crianças. O adulto já tem uma história de vida, suas experiências e conhecimentos, adquiridos ao longo da vida, precisam ser levados em conta, assim como sua memória visual, para atingirmos o objetivo da reabilitação.

CAPÍTULO 2 - A REABILITAÇÃO: UMA SOBREVISTA SOBRE O TEMA

A reabilitação atende a pessoa que adquiriu a deficiência visual na fase adulta ou mesmo aquela que perdeu a visão ainda na infância e não teve atendimento especializado. Tem o objetivo de dotar essas pessoas, de recursos para retomar uma vida independente e de autoconfiança através de um programa especializado.

Sua função prioritária é a reinserção do reabilitando na sociedade como um todo, dando autonomia para que esse indivíduo retome seu direito de ir e vir e participe ativamente do mundo social, sem precisar viver aprisionado para o resto da vida.

Durante a minha pesquisa participante fiz vários registros escritos, fotos de várias atividades internas e externas com os reabilitandos além de entrevistas e depoimentos. A análise documental foi feita através de todos os registros que obtive no período da pesquisa e do relatório de campo. Mediante esses registros, percebemos qual/ais as atividades são determinantes para essa reabilitação de fato, dando autonomia e liberdade do ir e vir, tornando-o um cidadão pleno e independente socialmente.

Segundo Brandão:

Na pesquisa participante deve-se partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações – a vida real, as experiências reais, as interpretações dadas a estas vidas e experiências tais como são vividas e pensadas pelas pessoas com quem interagimos. (2007, p.54).

A importância da pesquisa participante está no fato de os objetos estudados serem sujeitos e não “sujeitos de pesquisa”, no sentido passivo de fornecedores de dados, mas sujeitos de conhecimento.

Ao trabalharmos com o tema da reabilitação, nos foi possível perceber na prática como a educação perpassa por várias áreas do conhecimento, abrindo possibilidades para desenvolver estratégias de ensino, abrangendo a todos os reabilitandos e criando caminhos para que cada dentro de suas especificidades consigam atingir seu objetivo. Além disto, também nos viabilizou compreender como as práticas pedagógicas no atendimento educacional e com o uso de vários recursos pode contribuir para a inclusão educacional e social da pessoa com deficiência

visual, viabilizando o objetivo principal que é a independência e reinserção da pessoa com deficiência visual na sociedade, particularmente quando se trata de um indivíduo que perde sua visão depois de ter vivido sua vida com este sentido.

A reabilitação nos traz desafios bem diferentes dos que se referem a, por exemplo, a deficiência visual de nascença e sua importância está dada no fato de que iremos trabalhar com a reabilitação na vida da pessoa adulta que se tornou deficiente visual. Acreditamos, pois, que o atendimento educacional contribui para que esses indivíduos possam ser novamente inseridos na vida social.

Caminhamos em direção a um país desenvolvido, justo, humano e acessível para todos. Neste sentido, temos certeza que a educação contribui e muito para este objetivo e na realidade dos adultos deficientes visuais através do uso da informática e de outros recursos educacionais respeitando suas singularidades E contribuindo para sua reinserção na sociedade e no mercado de trabalho.

Sabemos que o Brasil possui uma grande população de pessoas com deficiência e a de maior incidência é a visual, de acordo com dados que estão na Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência⁶. Cabe a cada um de nós contribuirmos para a inclusão dos deficientes na sociedade onde vivem visando o desenvolvimento local e global e contribuindo assim na construção de um mundo mais justo, acessível e humano para todos, e este é um dos papéis do Instituto Benjamin Constant.

⁶Visitado em www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf, em 19 maio 2015.

CAPÍTULO 3- O INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT E O ATENDIMENTO AOS REABILITANDOS

O atendimento especializado à pessoa com deficiência visual no Brasil iniciou-se em 12 de setembro de 1854 devido a iniciativa de D. Pedro II, através do Decreto Imperial nº. 1.428 com a fundação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, inaugurado em 17 de setembro de 1854, hoje o Instituto Benjamin Constant (IBC). Inicialmente com a finalidade de ministrar aulas de instrução primária, atualmente, o referido Instituto capacita profissionais, assessora escolas e instituições para a inclusão de pessoas com deficiência visual. Realiza consultas oftalmológicas à população, habilita e reabilita, promove edições em Braille, publicações científicas e produção de livro em áudio.⁷

Os candidatos (reabilitandos) à matrícula no IBC⁸ são encaminhados a vários setores como: médico, social e psicológico. Após essa avaliação o candidato é entrevistado por um psicólogo e depois por um assistente social.

No campo da reabilitação o IBC atende pessoas com deficiência visual adquirida ou congênita na idade adulta (reabilitandos) proporcionando-lhes um elenco variado de atividades: orientação e mobilidade, atividade da vida diária, habilidades básicas, preparação para o Sistema Braille, Sistema Braille, escrita cursiva, música, teatro, artes com jornal, artesanato em geral, cerâmica, educação física, informática entre outras.

Oferece também cursos profissionalizantes: massoterapia, afinação de piano, oficina de cerâmica, inglês básico, preparação para o mercado de trabalho, rotinas de escritório em parceria do NUCAPE⁹ com o SENAC¹⁰ e o Instituto Empreender, com o intuito de encaminhar os reabilitandos ao mercado de trabalho, fazendo sua reinserção na sociedade.

Os reabilitandos podem contar com um atendimento social que abrange desde a aquisição de óculos até orientações quanto aos seus direitos e deveres. Podem participar de programas específicos como o Grupo da Terceira Idade, Grupo

⁷ Visitado em: <http://www.ibc.gov.br/?catid=13&blogid=1&itemid=89>, em 24 maio 2015.

⁸ IBC – Instituto Benjamin Constant.

⁹ NUCAPE – Núcleo de Capacitação e Empregabilidade

¹⁰ SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

Jovem e do Centro de Convivência (atividades educativas, culturais e de promoção da autonomia psicossocial de reabilitandos que já concluíram as atividades básicas de reabilitação).

3.1 - O Processo de Matrícula

A reabilitação é um processo global e total, sem tempo e horário marcados. É antes uma mudança de atitude face à vida, sem o sentido da visão, que implica coragem, determinação e consciência de que alguma coisa mudou, porém com a certeza de que a vida continua e buscando sempre um sentido, valor e espaço de afirmação pessoal e social, atingindo o objetivo de ser um cidadão pleno de seu direito de ir e vir.

A matrícula consiste em dois tipos: matrícula normal e temporária. Na normal o processo é mais longo e perpassa por vários atendimentos até chegar à conclusão da matrícula nas atividades. O primeiro passo é fazer alguns exames laboratoriais. De posse desses exames o candidato à reabilitação marca pelo telefone, dia e horário para dar continuidade ao processo que consiste na consulta com o oftalmologista da instituição, para diagnosticar qual patologia ele acomete, com o clínico geral para atestar sua saúde a partir dos resultados dos exames, a assistente social, para fazer um levantamento sócio-econômico, solicitar o passe de transporte coletivo e na psicóloga para definição das atividades que ele terá condições de participar naquele momento, podendo ser alterada no decorrer da reabilitação, pedindo uma nova avaliação. Em seguida ele se direciona para a secretaria, para efetuar a matrícula nas atividades.

A matrícula temporária é um processo mais rápido, o candidato só precisa passar pelo oftalmologista para atestar qual sua patologia e em seguida se direciona para a secretaria para efetuar a matrícula, porém ele só terá direito de duas atividades por semestre. Em alguns casos específicos, a psicóloga intervém nesse processo. Esse tipo de matrícula é para suprir a necessidade de pessoas com deficiência visual, que perderam o prazo de fazer a matrícula normal, e assim não prejudicá-la, deixando-a sem nenhuma atividade ao longo de um semestre.

Vários fatores se apresentam como desafio ao portador de cegueira adquirida ou congênita. A reabilitação total se processa em três aspectos distintos, a saber:

Aspecto Social é quando a pessoa com cegueira adquirida aprenderá técnicas para funcionar com independência, na locomoção, na comunicação e outros setores da vida diária. A locomoção possivelmente seja a maior perda que o indivíduo sofre ao ficar cego. O aprendizado do Braille, reabrindo o horizonte para a leitura e escrita. A conservação dos hábitos de higiene, os cuidados para manter a boa aparência física e a naturalidade nos gestos e postura.

No Aspecto Emocional ressalta que toda mudança cobra adaptação e acomodação às situações que a realidade apresenta. Convencer-se de que passará o resto da vida cego é para muitos uma luta interior que se trava em silêncio, mas que necessita do apoio psicológico de um profissional, com o propósito de promover a aceitação de que nem tudo está perdido e que com treinamentos adequados poderá voltar a viver feliz.

O Aspecto Profissional questiona que nada justifica que a cegueira leve o indivíduo a trabalhar só com as mãos, muitas tarefas são possíveis intelectualmente e mais ainda quando a pessoa com cegueira adquirida já possui uma profissão definida e anterior ao infortúnio, que se faça adaptação para que ela dê continuidade ao trabalho ou função que já atuava. O advento da informática na reabilitação da pessoa com deficiência visual veio ampliar ainda mais o campo de opções para continuar vencendo os obstáculos e retomar as atividades profissionais.

3.2 - Os Atendimentos da Reabilitação

Ao iniciar o processo de reabilitação, o reabilitando passa por uma anamnese em cada atendimento, e depois todas ficam anexadas à sua pasta de matrícula, para que durante o processo, todos os profissionais possam ter acesso, das suas expectativas iniciais, dos objetivos pelo qual o sujeito procurou a reabilitação, promovendo a melhor maneira de auxiliá-lo. A partir dessas informações, são preparados os estudos de caso, entre a equipe pedagógica e a psicóloga, para resolver situações que possam fugir da normalidade.

Segundo SAMPAIO:

A anamnese deverá focar: informações gerais, história sistêmica, educação, ocupação (vocação), mobilidade, atividades da vida diária, lazer, avaliações e experiências prévias, assim como os objetivos visuais do paciente que podem mudar ao longo do processo de reabilitação. (2010, p.59).

Habilidades Básicas

Habilidades Básicas é uma atividade de suma importância, visto que trabalha com o desenvolvimento e aperfeiçoamento das potencialidades e dos sentidos remanescentes das pessoas com deficiência visual que perderam totalmente a visão, ou que estão no processo de perda visual.

Estimular os sentidos preservados e os remanescentes, levando o reabilitando a se conscientizar de sua condição, através de atividades que aprimorem as habilidades na coordenação motora, percepção e memória tátil, lateralidade, noção espacial, esquema corporal, memória, com o intuito de facilitar o dia-a-dia do reabilitando e prepará-lo para as outras atividades como o Sistema Braille, Orientação e Mobilidade, Atividades da Vida Diária, Escrita Cursiva, Música, Artesanato em geral, dentre outras.

Favorece através de atividades lúdicas, experimentais e exploratórias, o domínio da lateralidade, noção espacial e esquema corporal, utilizando todos os sentidos remanescentes, mas em especial o tato, audição e olfato. Trabalha a coordenação global, motivando o senso criativo e a sua independência para a participação em outras atividades, bem como em atividades extras.

Assim, de acordo com Carroll:

O processo de reabilitação compõe-se de quatro fases principais: estimulação dos sentidos remanescentes; treinamento da habilidade e uso de equipamentos; a recuperação da segurança psicológica e a influência da sociedade. (1968, p.88)

Sistema Braille

O Sistema Braille é um sistema de escrita e leitura das pessoas com deficiência visual, criado em 1825, por Louis Braille. Essa atividade consiste em

oferecer ao reabilitando, conhecimento que torne possível, através do tato, o contato com as letras e os símbolos, objetivando através do contato com este novo sistema de leitura e escrita, sua autonomia e inserção na vida social, elevando sua autoestima e motivando-o para novos aprendizados.

Desenvolve atividade de leitura e escrita de letras, de palavras, de frases, de textos e da simbologia matemática, utilizando a reglete, a máquina de datilográfica Perkins, o alfabeto de alumínio, celas Braille ampliada, assim como livros Braille Essencial e o Braille Fácil.

Orientação e Mobilidade

A Orientação é definida como um processo que permite a pessoa com deficiência visual perceber o espaço que está a sua volta por meio das informações sensoriais, e a Mobilidade seria a capacidade desse indivíduo deslocar-se de um lugar para o outro.

Consiste em técnicas para o uso da bengala longa e conhecimentos do uso do guia vidente, o que proporciona capacidade de deslocar-se independentemente, para usufruir o direito de ir e vir, assim como auxilia a pessoa na identificação de diferentes ambientes mediante diferentes texturas existentes.

A atividade de Orientação e Mobilidade visa conscientizar a importância de ter autonomia e independência para se locomover com segurança e eficiência em qualquer ambiente, sabendo para onde quer ir e como chegar ao destino.

Orienta-se pelos sentidos remanescentes, identifica pontos de referência, treina percepção, atenção e memória, percebe o posicionamento do corpo, postura e equilíbrio, detecta obstáculos e diferenças de níveis e a utilização de transportes públicos.

Acrescentando o explanado acima, Mazzarro afirma:

Para a pessoa cega se movimentar de um ponto para o outro é preciso não apenas “ler” ou seguir as rotas, mas estar alerta, orientada em relação ao seu destino, construindo, mesmo involuntariamente, um mapa mental da mudança. (2003, p.18).

Atividade da Vida Diária

Habilita ou reabilita pessoas com deficiência visual que necessitam aprimorar seu desempenho ocupacional e funcional, sua participação e inclusão na sociedade, alcançando maior nível de independência e autonomia.

Desenvolve ações básicas dentro do espaço doméstico como: cozinhar, arrumar cama, atender ao telefone, contar dinheiro, lavar e passar roupa, entre outras atividades. Orientar e treinar dispositivos de cuidado pessoal e higiene (banho, uso do vaso sanitário e arrumação pessoal), processo de vestuário (uso do avesso e direito e cores e formas), técnicas e procedimentos de limpeza doméstica, como organizar roupas para lavar; passar e organizar (limpas e sujas); reconhecimento de valores monetários, aplicação e utilização de medicamento em geral, manejo seguro de eletro-eletrônicos e eletro-doméstico, assim como os hábitos alimentares e o manuseio e preparação dos alimentos.

Melhora a autoconfiança, estimulando e aprimorando capacidades funcionais, habilidades e hábitos, assim como questões emocionais com o objetivo de melhor qualidade de vida. Reforça a importância da segurança pessoal na execução de tarefas, trabalha com componentes específicos intrínsecos a qualquer atividade como: orientação espacial e temporal, noção de forma, volume e peso, aspectos cognitivos e de memória e a coordenação motora, auxiliando e orientando quanto à mobilidade e locomoção nos espaços.

Escrita Cursiva

A pessoa com deficiência visual, quando não consegue assinar seu próprio nome, precisa colocar sua digital no lugar da assinatura, com isso, passa a imagem de cidadão analfabeto. A escrita cursiva é um dos meios facilitadores para romper a barreira do preconceito e informar à sociedade que a pessoa com deficiência visual é um cidadão capaz e que através de um gesto consciente, característico e pessoal, pode deixar marcada sua identidade em qualquer documento.

A escrita cursiva ou assinatura do nome é o ensino da escrita gráfica, ou técnicas para utilização deste recurso para assinar e escrever nome, datar, preencher cheques, fichas e produzir textos. Através da assinatura ou rubrica do seu nome, num diploma, na carteira de identidade, ou em qualquer outro documento, esse pequeno ato para a maioria das pessoas, mas com uma validade social enorme para a pessoa com deficiência visual, e se torna uma conquista de independência elevando sua autoestima e conseqüentemente a auto-realização de mais um passo para sua reinserção na sociedade.

Essa atividade, através de técnicas diversificadas, promove a pessoa com deficiência visual, tornar-se um assinante, mediante a utilização do tato, identificar e diferenciar as letras do sistema comum de escrita (maiúsculas e minúsculas), identificar no alfabeto as letras do seu nome e transcrevê-las para um papel com o auxílio de uma caneta e a partir desse reconhecimento, escrever por extenso seu nome ou um rubrica do mesmo.

Informática

A informática é o meio de inclusão social mais utilizado nos dias atuais para a pessoa com deficiência visual. É uma das principais formas de acessibilidade, sendo uma facilitadora e proporcionando maior acesso a informação e independência na comunicação e educação.

Contribui para a inclusão digital, social, profissional e pessoal da pessoa com deficiência visual, estabelecendo acesso às tecnologias de comunicação e informação, desenvolvendo a capacidade de raciocínio lógico e a capacidade intelectual. Estimula a memória e a capacidade sensorial, no reconhecimento das teclas de atalho.

Instrui o reabilitando no uso do computador e seus periféricos, através de leitores telas como DOSVOX e NVDA¹¹, que são compatíveis com outros programas de acesso para pessoas com deficiência visual como: Virtual Vision, JAWS e ampliadores de tela. O leitor de tela é um sistema que realiza a comunicação do computador com a pessoa com deficiência visual, através de síntese de voz em

¹¹ DOSVOX e NVDA são leitores de tela e voz, criados pela UFRJ e podem ser baixados gratuitamente através do site www.intervox.nce.ufrj.br/~esplivre/leitores.html.

Português, sendo que a síntese de textos pode ser configurada para outros idiomas. Viabiliza o uso de computadores por pessoas com deficiência visual, favorecendo a utilização de todos os programas e aplicativos no computador, podendo utilizar Sistema Operacional, Internet, Vídeos e Músicas, Redes Sociais, e-mails, entre outros, possibilitando um alto grau de independência no estudo e no trabalho, utilizando qualquer computador.

Música (Canto, Piano e Violão)

O objetivo dessa atividade é viabilizar a integração do reabilitando em um contexto social, melhorar as condições emocionais, promovendo as relações com o coletivo, além do autoconhecimento e potencial da sua capacidade artística.

Desperta o gosto pelo instrumento musical e pela música, possibilita a organização de seu próprio repertório, apresentando técnicas vocais e aperfeiçoando seu desempenho instrumental. Desenvolve sua audição, postura corporal, o conhecimento interno e externo dos instrumentos, harmonização de músicas, escalas e acordes.

Na atividade de Afinação de Piano, além do conhecimento interno e externo do piano, o reabilitando aprende a afinação do mesmo, podendo trabalhar como um futuro profissional, isto é, se tornando um afinador de pianos.

Desenvolvendo suas habilidades musicais, aflorando a audição e sua voz para o canto e o tato para tocar os instrumentos, o reabilitando pode participar do Coral da Reabilitação em todas as suas apresentações.

Artesanato

Trabalha com diversos materiais, utilizando os sentidos remanescentes, principalmente o tato, desenvolvendo habilidades e criatividade para a elaboração da arte.

A atividade de Artes com Jornal qualifica o reabilitando, através de técnicas específicas a criar peças artesanais confeccionadas da reciclagem de jornais, encartes ou revistas, ampliando a criatividade e imaginação e

desenvolvendo a coordenação motora fina, para a criação das peças. Essa atividade tem profissionalizado vários reabilitandos, que hoje ganham o sustento da sua família através da venda de peças confeccionadas pelos próprios.

Na Oficina de Cerâmica o reabilitando tem o contato direto com a argila e as com as técnicas básicas de construção da cerâmica, como bater o barro, confeccionar a peça, colocar para queimar no forno, o resfriamento, pintura e acabamento final. Constituem um canal privilegiado de expressão dos sentimentos e sensações humanos. Tem a chance de experimentar um processo milenar e universal, integrante do desenvolvimento de todos os povos, e assim desenvolver suas próprias peças, colocando suas características pessoais.

A atividade de Artesanato com Material Reciclável trouxe uma nova visão de artes. O reabilitando pode descobrir, que a partir de objetos que iriam para o lixo como: caixas de leite e suco, pregadores de roupa, retalhos de pano, papel velho, poderiam criar lindas peças e até comercializá-las. Essas atividades lúdicas auxiliam muito no imaginário e na percepção das pessoas com deficiência visual, alguns ainda conseguem utilizar um resíduo visual, mas aqueles que têm a cegueira total conseguem perceber através do tato, a definição e os detalhes de cada peça, finalizando-as com perfeição de acabamento.

De acordo com Monte Alegre:

A visão que o cego tem do mundo é de uma riqueza única, incomparável e deve passar a ser vista como uma apreensão integral da realidade, não uma carência de visão, não uma castração de um órgão, mas a existência suficiente de um ser humano completo. (2003, p.12).

NUCAPE

O NUCAPE – Núcleo de Capacitação e Empregabilidade oferece cursos de capacitação profissional, para os reabilitandos. A cada ano, firma parcerias com outras instituições, como o Instituto Empreender e o SENAC, com o objetivo de reinseri-los no mercado de trabalho.

Alguns cursos são recorrentes como o Inglês básico e o Social – Preparação para o Mercado de Trabalho, que aprimora os conhecimentos de informática, trabalha com a postura e apresentação pessoal, gestual e a linguagem culta, que deve ser aplicada no ambiente de trabalho. Apresenta a forma correta de

utilização das redes sociais, hoje uma das etapas que mais reprova na seleção de candidatos. Outros cursos como: Atendente de Telemarketing, Rotinas de Escritório, Informática Básica, Ascensoristas de Elevador, Operador de Câmara Fria, entre outros, são oferecidos de acordo com a procura e as parcerias firmadas.

A recolocação no mercado de trabalho tem sido muito positiva e a cada dia, mais empresas procuram o Instituto Benjamin Constant, com o intuito de formar parcerias, ou simplesmente oferecer vagas em suas empresas.

A informática facilitou muito a reinserção da pessoa com deficiência visual no mercado de trabalho e na sociedade, uma vez que viabiliza várias atividades administrativas e de banco de dados, através do computador e do uso da Internet.

3.3 – Quem Atende o Reabilitando: A Formação e Área de Atendimento dos Profissionais

Os professores de Braille além de sua Graduação (Letras e Pedagogia) ainda têm a formação no Sistema Braille o que garante uma facilidade na transmissão do conhecimento e na facilidade de aprendizagem do reabilitando.

Os profissionais de Orientação de Mobilidade são de diversas áreas como: Fisioterapia, Educação Física e Letras, porém todos foram capacitados pelo IBC no curso de Orientação e Mobilidade.

Os Terapeutas Ocupacionais abrangem as áreas de Habilidades Básicas, Escrita Cursiva e Atividade da Vida Diária, são os profissionais mais experientes nessa área, indicados pelo CREFITO¹².

Os professores de música são formados em Licenciatura em Música e além de atuar na sala de aula, criaram um Coral Musical com os reabilitandos.

Professor de Informática dá autonomia ao deficiente visual de operar qualquer computador, proporcionando o acesso ao mundo inesgotável de informações através da internet, possibilitando conhecimento para concursos, além da abertura de mercado de trabalho.

As professoras de Artesanato são formadas em Belas Artes e atuam em Artes com Jornal, Oficina de Cerâmica e Artesanato com materiais recicláveis.

¹² Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Assistente Social está presente todos os dias na Instituição para garantir os direitos e deveres dos reabilitandos e auxiliar a família do mesmo no que tange aos direitos do deficiente visual.

A psicóloga atende diariamente os reabilitandos e suas famílias para um apoio psicossocial, além das entrevistas individuais para cada matrícula, além de encaminhar alguns reabilitandos com outras especificidades, para atendimentos especializados fora do IBC.

CAPÍTULO 4 - MINHA EXPERIÊNCIA COM REABILITANDOS

Fui estagiária de Pedagogia no Instituto Benjamin Constant, por dois anos consecutivos, iniciando em fevereiro de 2013 e encerrando o contrato em novembro de 2014, na Divisão de Reabilitação, Preparação para o Trabalho e Encaminhamento Profissional.

No começo do estágio, percebi que existia uma resistência por parte dos reabilitandos a qualquer novidade, inclusive de ordem pessoal. Aos poucos fui conquistando a confiança de todos os reabilitandos e profissionais do setor, prestando auxílio na parte pedagógica e em outros aspectos que eles necessitavam.

Essa busca pelo conhecimento foi o despertar do desejo de escrever sobre esse processo tão importante e significativo na vida das pessoas com deficiência visual, podendo assim contribuir para a melhoria das atividades, evidenciando o que eles reconhecem como de suma importância, assim como, levantando questões que vinham diretamente da minha relação pessoal com eles e da troca de experiências vividas.

Neste sentido, baseei-me em THIOLENT (2011), sendo certo que com o aperfeiçoamento dos métodos de observação, a pesquisa-ação, pode ser auxiliada através do interesse de descobrir o novo e o desconhecido, além de atingir os objetivos necessários a fim de buscar ações transformadoras e o melhoramento do convívio diário.

Dessa forma, durante os dois anos, pude acompanhar os reabilitandos em várias atividades de sala de aula e atividades externas, podendo perceber como cada um deles se comporta frente ao desconhecido e como sua visão de mundo é diferente da nossa, porém tão ou mais bela.

Sua sensibilidade ao tocar e sentir qualquer objeto, é sensacional. A descrição do mesmo é feita com perfeição de detalhes. Alguns têm a memória visual preservada, outros, conseguem identificar a partir do que nós, videntes, passamos de referência.

Particpei de duas atividades sensoriais, uma no Jardim Botânico que trabalhava com a memória olfativa, trazendo a partir dos cheiros, lembranças e histórias de cada um, despertando emoções e um desejo de expor aos demais suas experiências do passado. A outra foi num hortifruti e eles puderam a partir do tato e

olfato, reconhecer todos os legumes, frutas e hortaliças. Esses momentos serviram para lembrar o que Vygotsky (2010) ressalta sobre a crença da Plasticidade que é a capacidade do organismo superar obstáculos e criar adaptações na interação com fatores ambientais para desenvolver os sentidos remanescentes.

CAPITULO 5 - O QUE NOS ENSINAM AS TEORIAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O TRABALHO COM O REABILITANDO.

A reabilitação tem uma função especial na vida do adulto com deficiência visual, pois com a perda da visão, existe uma ruptura com todos os setores da sociedade, principalmente a família e o trabalho, e essa pessoa se sente incapaz e entra num luto, achando que não tem mais opção.

As atividades da reabilitação auxiliam nesse processo de reinserção na sociedade, tornando possível uma reintegração no mercado de trabalho, elevando a autoestima dessas pessoas e a independência socialmente conquistada.

Na perspectiva de BUENO (2010), uma pessoa com deficiência visual, não estará pronta para assumir uma vida social plena, sem que tenha superado alguns traumas psicológicos, decorrentes da perda. Neste sentido a reabilitação, através de suas atividades e do convívio com profissionais especializados e com pessoas que estão na mesma situação, vem auxiliar o reabilitando a saída do isolamento, dando maior segurança.

Uma diretriz é que as propostas de reabilitação estejam centradas na estimulação dos sentidos remanescentes e no o funcionamento psicológico superior. O desenvolvimento das funções de atenção concentrada, memória mediada, imaginação, pensamento conceitual, entre outras, deve ser a prioridade da educação oferecida a esses sujeitos.

No caso das pessoas com deficiência visual, seres privados de visão, todo o organismo se reorganiza para que as funções restantes trabalhem juntas para superar o impedimento, processando estímulos do mundo exterior com a ajuda de meios especiais, tal como o Sistema Braille.

Apesar de o organismo possuir, em potencial, essa capacidade de superação, ela só se realiza a partir da interação com fatores ambientais, pois o desenvolvimento se dá no entrelaçamento de fatores externos e internos.

Ainda pautada em BUENO (2010), as pessoas com deficiência visual encontram mais dificuldades para dominar um ambiente, recorrendo ao isolamento, por isso é tão importante saber a diferença entre cegueira e baixa visão e suas especificidades, para auxiliarmos em casos como: evitando situações novas que não possam controlar; apresentando maneiras para que ela possa participar de todas as

atividades, sem se isolar atrás da sua deficiência; deixando com que ela se especialize e se dedique de maneira única e exclusiva de alguma atividade como música, literatura, etc.

O defeito se converte, assim, no ponto de partida e na força propulsora do desenvolvimento psíquico e da personalidade. Qualquer defeito, segundo Vygotsky, origina estímulos para a formação da compensação - ou superação. A lei geral da compensação, segundo ele, aplica-se da mesma forma ao desenvolvimento dito "normal" e ao "complicado".

O autor, entretanto, enfatiza constantemente o papel do contexto sociocultural nesse processo de superação. Esse processo não se realizaria de uma forma espontaneísta. Tal concepção seria avessa à perspectiva sócio-histórica do autor, segundo a qual o desenvolvimento humano é um processo e um produto social.

Conforme Vygotsky:

A pessoa com deficiência visual tem a possibilidade de “utilizar a visão de outra pessoa, a experiência alheia como instrumento da visão... o olho alheio desempenha o papel de aparato ou instrumento, como um microscópio ou telescópio”. (1989, p. 63).

Contudo, isso não implica, em desprezar o papel da experiência concreta na formação do psiquismo, mas em articular a experiência aos processos de significação. O que se está salientando é a importância da mediação semiótica na apropriação dos significados culturais que podem emergir a partir do contato com objetos objetivamente percebidos.

Ainda seguindo o pensamento de Vygotsky, cabe, portanto, canalizar os esforços, promovendo através da ação mediada a formação de sistemas funcionais que favoreçam ao sujeito a apropriação do conhecimento e o desenvolvimento de competências que resultem em sua autonomia.

Na apropriação cultural, as desvantagens que afetam as pessoas com deficiência visual em relação aos que vêm estão em que essa apropriação demanda um empenho deliberado nessa direção para a conquista das metas educacionais comuns.

O caminho proposto por Vygotsky para que esse objetivo seja alcançado parte da dupla acepção que o termo *mediação* assume em suas reflexões teóricas:

a) como mediação *semiótica*, em que ele considera que a palavra promove a superação dos limites impostos pela cegueira, ao dar acesso àqueles

conceitos pautados pela experiência visual - tais como cor, horizonte, nuvem, etc. - por meio de suas propriedades de representação e generalização;

b) como mediação *social*, em que ele aponta para as possibilidades de apropriação da experiência social dos videntes.

De acordo com Ochaita & Rosa (1993), essas duas formas indissociáveis de mediação, inclusive, são compatíveis com as atividades comumente desenvolvidas na educação ou reabilitação de pessoas com deficiência visual, a saber, a Orientação e a Mobilidade e as Atividades da Vida Diária. Nestas, o vidente se converte em um verdadeiro instrumento de mediação para apropriação de formas de ação sobre o ambiente, pautadas na significação atribuída a elementos do espaço e às sensações proprioceptivas, táteis e auditivas.

Com base nesse tipo de intervenção educativa, as pessoas com deficiência visual desenvolvem vias alternativas para atuação na realidade, através do uso de formas de percepção funcionalmente equivalentes à visual, mesmo tendo por base significações que conferem às sensações corporais e às pistas ambientais um papel diferenciado daquele desempenhado na condição vidente.

Afora essas questões, cumpre ainda ressaltar que o objetivo da educação/reabilitação de pessoas com deficiência visual deve ser o mesmo das pessoas videntes. Apesar de conquistarem esse objetivo por vias alternativas, em razão de suas necessidades educacionais específicas - como é o caso da aprendizagem da simbologia Braille para aquisição da escrita e da leitura - cabe oferecer aos reabilitandos deficientes visuais as mesmas oportunidades e exigências que são proporcionadas ou feitas às demais pessoas. Para tanto, valorizar suas experiências táteis, auditivas e cinestésicas é tão importante quanto proporcionar intervenções que favoreçam a formação de conceitos por meio dos processos de significação, promovendo assim o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Ratificando o apresentado, na visão de BUENO (1994), as ações a serem desenvolvidas na reabilitação, têm como objetivo a construção de um contexto inclusivo de sociedade e de trabalho, envolvem a implantação de serviços de apoio à pessoa com deficiência e ações dirigidas à sociedade, destinadas a eliminar barreiras sociais e físicas no ambiente e no local de trabalho.

E como ressalta SAMPAIO (2010), o envolvimento da família é de suma importância no processo de reabilitação. O reabilitando precisa perceber que sua

família o acompanha, o apoia nessa fase e interage com todas as atividades, possibilitando que faça as tarefas diárias em sua casa com autonomia, pois só assim conseguirá sua independência. Algumas famílias, no intuito de proteger, fazem tudo pela pessoa com deficiência visual, mas infelizmente, essa proteção se torna prejudicial no processo de reabilitação.

A reabilitação do IBC, além de atender as necessidades da pessoa com deficiência visual, também auxilia a família do reabilitando, com intuito de facilitar o convívio entre as partes. A família precisa estar presente em algumas atividades, tem o apoio psicológico necessário e até encaminhamento profissional em casos específicos. Só assim o processo de reabilitação pode se concretizar, porque sozinho, o reabilitando não conseguirá atingir seus objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisa é o elo entre teoria e prática e a partir da na prática serão notados e colocados em evidência certos pressupostos que não podem ser identificados apenas teoricamente, isto é, partir para a prática é como um mergulho no desconhecido.

A pesquisa-ação é extremamente adequada na área da educação, já que o processo objetiva estimular a autonomia dos sujeitos, por meio da construção dialógica dos saberes, das práticas cidadãs e da busca de soluções para os problemas, de forma participativa.

De acordo com THIOLENT:

A pesquisa-ação pressupõe uma concepção de ação, que “requer, no mínimo, a definição de vários elementos: um agente (ou autor), um objeto sobre o qual se aplica a ação, um evento ou ato, um objetivo, um ou vários meios, um campo ou domínio delimitado”. (1997, p.36).

Hoje estou de volta ao Instituto Benjamin Constant, como Assistente de Supervisão Pedagógica, atuando diretamente com as questões pedagógicas do setor e auxiliando os reabilitados em várias questões da reabilitação. Percebo como essa experiência tem sido grandiosa na minha vida e que me proporcionou uma formação acadêmica, profissional e pessoal muito mais completa e plena, despertando a vontade de estudar e me especializar cada vez mais na deficiência visual, assim como em outras deficiências, para poder ajudar a quem necessitar.

Sabemos que o trabalho é uma atividade necessária a todas as pessoas, além de suprir as necessidades financeiras, também garante uma posição na sociedade a qual pertence e a partir da reabilitação, a pessoa com deficiência visual tem a possibilidade de conseguir uma reinserção no campo do trabalho, seja em empresas ou sendo um profissional autônomo.

A sociedade cria modelos sociais e os que estão fora desse modelo, são tidos como os diferentes, os estigmatizados e, portanto, as possibilidades se fecham e os impedimentos de participação surgem, causando desvantagem no seu lugar social. Nesse modelo, a pessoa com deficiência visual, precisa de um grande esforço para sair do estigma de incapacidade, para o padrão “normal”, e é nesse contexto que a reabilitação o auxilia, fazendo sua reinserção social.

Independência e autonomia são aspectos centrais do processo de reabilitação. A autonomia está relacionada à independência moral consigo mesmo e para com os outros, à integridade física e psíquica e com o seu bem-estar. A independência é poder atingir um bom desempenho nas atividades da vida diária, sem precisar da ajuda de ninguém na maioria das tarefas.

Percebe-se que as atividades da vida diária, são muito importantes para a reabilitação da pessoa com deficiência visual, proporcionando o desenvolvimento global, a independência e autonomia, além de facilitar a relação consigo e com os familiares nas aquisições e participações do cotidiano.

As pessoas com cegueira adquirida trazem consigo as suas memórias, entretanto, ao chegar na reabilitação, faz-se necessário uma intermediação inicial dos profissionais, para que ela consiga conhecer ou reconhecer diferentes objetos presentes na vida cotidiana, para executar as atividades com segurança.

A participação da família do adulto com deficiência visual é fundamental para o desenvolvimento da manutenção dos conhecimentos e habilidades desenvolvidos na reabilitação, favorecendo sua inclusão social.

A confiança entre o reabilitando e o profissional dos atendimentos, é necessária para a aprendizagem. Como o sujeito não tem a visão, a segurança se dá nos comandos que o outro oferece, indicando a localização dos ambientes e dos objetos, assim como as adaptações necessárias para a realização de cada atividade.

Os profissionais que atuam na reabilitação precisam ter ciência que é um processo lento e gradual, e que é preciso aprender a respeitar o tempo e o ritmo de cada reabilitando.

No decorrer da pesquisa compreendemos que a relação com o grupo de reabilitandos ajuda muito nas questões afetivas e emocionais, eles redescobrem o sentido da vida, favorecendo seu desenvolvimento social e afetivo.

A sociedade precisa compreender que quando uma pessoa não consegue viver uma vida digna, com igualdade de oportunidades e seus direitos garantidos, raramente terá uma vida plena. Todo ser humano deseja ser amado e respeitado, o que fará investir na própria vida, usufruindo de todas as oportunidades que surgirem no seu caminho.

As pessoas com deficiência visual participam de quase todas as atividades esportivas e culturais, desde que sejam apresentadas condições e

adaptações para que isto ocorra. É direito das pessoas com deficiência visual o acesso ao lazer, esporte, turismo, levando em consideração valores relevantes como a diversidade humana, a qualidade de vida e o empoderamento.

No convívio com os reabilitandos percebemos que a identidade é muito importante, a maioria já assumiu sua deficiência e não aceita piedade por sua condição. Admite que a deficiência visual é uma característica sua e, portanto, isso não determina menos valia, inferioridade, inutilidade ou incapacidade das suas atitudes e atividades.

Hoje com o recurso da audiodescrição¹³, a pessoa com deficiência visual passou a frequentar salas de cinemas e teatros, espetáculos de dança, eventos esportivos, exposições em museus, dentre outros, assim como também o audiolivro facilitou a leitura, o que antes era feito por um vidente.

Podemos então perceber como a tecnologia pode e deve facilitar todos que, de alguma maneira, são percebidos como diferentes. A inclusão, neste sentido, depende não apenas de questões subjetivas, mas sim de avanços objetivos que faça da vida destas pessoas uma vida plena, na qual a solidariedade seja uma atitude que venha de todos os âmbitos sociais (universidade; pesquisas; etc.) e não mais apenas de uma solidariedade individualizada (que também é importante) como tantas vezes vimos no cotidiano. A solidariedade social que se traduz em trabalhos como este com os reabilitandos deve ser urgência na agenda do Estado e de toda sociedade, para conseguirmos a reinserção social pela condição da pessoa reabilitada, e não por pena ou por imposição da legislação.

¹³ Descrição para pessoas com deficiência visual de ações, gestos, expressões corporais, figurinos, cenários, títulos, letreiros, informações sobre personagens, elementos de imagem gráfica como fotos e ilustrações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, C. R. (ed.). **A Pesquisa Participante**: um momento da educação popular. Uberlândia: Editora Popular, 2007.

BRASIL. **Lei Federal 7853/1989.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7853.htm. Acesso em: 30 mar. 2015.

BRASIL. **Lei Federal 8213/1991.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L8213cons.htm. Acesso em: 23 maio 2015.

BRASIL. **Lei Federal 8989/1995.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8989.htm. Acesso em: 23 abr. 2015.

BRASIL. **Lei Federal 11.126/2005.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Lei/L11126.htm Acesso em: 25 maio 2015.

BRASIL. **Decreto Lei 3298/1999.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm. Acesso em: 10 abr. 2015.

BRASIL. **Decreto Lei 5296/2004.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm Acesso em: 15 abr. 2015.

BUENO MARTÍN, Manuel; TORO BUENO, Salvador. **Deficiência visual**: aspectos psicoevolutivos e educativos. São Paulo: Santos, 2003.

BUENO, C. L. R. **A Reabilitação Profissional e a Inserção da Pessoa com Deficiência no Mercado de Trabalho**. Integração, Brasília, 1994.

CARROLL, Thomas J. **Cegueira**. São Paulo: MEC, 1968.

FELIPPE, J. A. M & FELLIPPE, V. L. L. R. **Orientação e Mobilidade**. São Paulo: Gráfica e Editora Laramara, 1999.

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. **150 anos do Instituto Benjamin Constant. Rio de Janeiro**: Fundação Cultural Monitor Mercantil, 2007.

MAZZARRO, José Luiz. Mas, afinal, o que é orientação e mobilidade? In. **Orientação e Mobilidade**: Conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual. MOTA, Maria Glória Batista da (Coord.). Brasília: MEC, SEESP, 2003.

MEC: Ministério da Educação – Secretária de Educação Especial. **Orientação e Mobilidade: Conhecimentos Básicos para a Inclusão da Pessoa com Deficiência Visual**. Brasília, 2003.

MONTE ALEGRE, P. A. C.. **A cegueira e a visão do pensamento**. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

OCHAITA, E. & Rosa, **Psicología de la ceguera**. Madrid: Alianza, 1993.

OCHAITA, E. & Rosa, **Percepção, ação e conhecimento em crianças cegas**. Em C. Coll, J. Palacios & A. Marchesi (Orgs), Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar (pp. 185-197). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação** / Teresa Cristina Rego. 21 Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SAMPAIO, M. W. **Baixa visão e cegueira: os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão**. Rio de Janeiro: Cultura Médica : Guanabara Koogan, 2010.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

_____ **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VYGOTSKY, LEV S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 3 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.